

DA NEGRITUDE À REALIDADE DO NEGRO

NOS POEMAS DE AGOSTINHO NETO

E GERALDO BESSA VICTOR

Salvador B. D. Tito

U. do Minho / Rede de Investigadores Angola Network Research

O propósito deste artigo é, em primeiro lugar, elucidar o percurso que a negritude teve, desde a sua chegada no espaço francófono às zonas limítrofes da África lusófona, lugar onde se desenvolveram as literaturas africanas escritas em língua portuguesa. Em segundo lugar, apresentar a realidade do negro nos poemas de dois autores angolanos. Por uma questão de economia foram selecionados três poemas “O menino negro não entrou na roda” e “A lua, não!”, da autoria de Geraldo Bessa Victor, e “Velho negro”, de Agostinho Neto, para que se pudesse descrever a real situação do negro. Com este *corpus* procurar-se-á demonstrar melhor as sucessivas realidades poéticas a que nos referimos; preferiu-se reter a obra, enquanto vínculo entre o poeta e uma situação específica, da qual ele, como ator, sabe transmitir a validade do testemunho de um determinado tempo.

Este não é um trabalho pioneiro que aborda a questão da negritude africana de língua portuguesa. São conhecidos vários autores que trataram detalhadamente este assunto: Margarido (1980), Trigo (1986), Ferreira (1977, Vol. I e II, 1997), Laranjeira (1995) e Hamilton (1975). Apesar dos estudos realizados, ainda há muito terreno a desbravar para que se amplie o conhecimento sobre a poesia de diversos autores africanos, particularmente os de língua portuguesa, que se centraram no homem negro como tema fundamental para

a criação poética; realidade evidente em Agostinho Neto e Geraldo Bessa Victor.

Os dois poetas angolanos, doravante Neto e Bessa Victor, formam um importante pilar para a conhecida literatura angolana. O primeiro, que fez parte dos poetas da revista *Mensagem*, “é natural do Bengo, Kaxikane, nascido em 1922 e pereceu em 1979 na antiga União Soviética (Rússia)” (CRISTÓVÃO *et. alii.*, 2005: 30-31)¹. Neto representa uma grande figura em Angola: por um lado, por ter um lugar reservado no panteão da poesia nacional e internacional (LARANJEIRA, 1995) e, por outro lado, por ser o primeiro presidente angolano. A nível de África, é um dos poucos poetas-presidentes. Das obras publicadas, destacam-se *Sagrada Esperança*², traduzida em diversas línguas, *Renúncia impossível* e *Amanhecer*. Do outro lado, Bessa Victor nasceu em Luanda em 1917 e faleceu em Portugal em 1985³. Como escritor foi poeta e ensaísta e desempenhou ainda a atividade de jornalista. “Fez os estudos liceais em Luanda, seguidamente rumou a Lisboa onde fez a licenciatura em Direito, que lhe permitiu desempenhar a carreira de advocacia” (FERREIRA, 1997: 53). Ambos os autores construíram poemas com um protótipo negritudinista, quer dizer, o negro é o ponto de partida para a criação literária de alguns poemas, nos quais fica evidente a situação do negro. Desta maneira, Neto e Bessa Victor centram-se num negro universal, identificando a sua realidade, quer a nível social quer a nível psíquico.

A negritude desencadeia sempre “um tropel de paixões e provoca, em todo o caso, estranhos mal-entendidos” (SOW, 1977: 14). É indubitável que a negritude desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da poesia negra na África lusófona, particularmente em Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Embora se leve em conta os pressupostos históricos, políticos e sociais, entenda-se, aqui, “África Lusófona” como uma expressão suavizadora que ainda tende a deixar claro, mesmo que de maneira latente, o poderio da língua e da cultura portuguesa nos territórios africanos⁴. E, por assim ser, deve assumir-se a responsabilidade de que a negritude é resultado

¹ Cf. também GOMES e CAVACAS (1997: 23-24).

² Essa obra pode ser lida como um fresco ou uma saga exortativa do povo angolano à conquista da sua identidade e independência. Os poemas de *Sagrada Esperança* foram escritos aproximadamente entre o ano de 1945 e o de 1960 (LARANJEIRA, 1995: 92).

³ Data fornecida pela filha do poeta, Maria Paula Martins Bessa Victor.

⁴ Para um maior esclarecimento sobre a presença dos portugueses no território africano lusófono *vide* Armelle ENDERS, 1994.

do peso da colonização, ato que tratou de inferiorizar, ou mesmo desumanizar, o indivíduo negro (MARGARIDO, 1980: 11).

Embora possa ser “vista e analisada em muitas perspetivas, no âmbito político, cultural, filosófico e literário” (MATUMONA, 2011: 51), as ideias que aqui se resumem sobre a negritude são, especificamente, de pendor literário, sobretudo na poesia. Paralelamente a uma prática amiúde da narrativa, a poesia serviu ampla e marcadamente como um postulado social para o crescimento da negritude.

De onde começa a ser postulado o ideal da negritude? Em que período ela chega ao espaço das literaturas africanas escritas em português, particularmente à literatura angolana? Por outro lado, o que se pretendia cabalmente com a ideologia da negritude? Mesmo sem o compromisso de responder a estas perguntas, achou-se conveniente fazê-las, pois refletir sobre elas permite pensar na figura do negro nas literaturas africanas escritas em português.

Muito antes da sublimação da negritude já se observava um interesse em se conhecer as sociedades negras. Missionários, pesquisadores europeus e norte-americanos, antropólogos, arqueólogos, etnólogos, historiadores, paleontólogos, sociólogos e até linguistas demonstravam interesse em entender e estudar na sua pureza e autenticidade a realidade dos negros africanos.

O contacto entre África e Europa, que se intensificou no século XV, colocou, até certo ponto, em risco a cultura dos povos negros. A cultura e a língua dos indígenas não foram respeitadas pelos colonizadores. Estes tencionavam claramente dizimar toda a manifestação cultural do homem negro. Assim sendo, assistiu-se a uma autêntica degradação dos costumes dos negros. Revoltado, o negro sentiu a necessidade de rebuscar os seus ideais culturais, a sua identidade, que se perdia, fruto da assimilação. Entretanto, procurava-se exaltar o prestígio da personalidade negra. Foi com esta aspiração que se corporizou o ideal da negritude.

Quanto ao seu surgimento, “a negritude teve a sua génese fora do continente africano. Nasceu na América e surge entre os negros deste continente” (NEVES, 2002: 263), destacando-se duas personalidades: Jean Price-Mars (Haiti) e René Maran (Martinica)⁵. Inicialmente, o ideal da negritude foi

⁵ René Maran é apontado como o precursor mais direto da negritude. Cf. SANTOS, 1968: 112.

adotado por membros de profissões liberais, estudantes, eclesiásticos, intelectuais e políticos.

De origem francesa, o vocábulo *negritude* funcionou como uma verdadeira ideologia. Nunca chegou a ser considerado como um movimento literário, pois “o contexto histórico do aparecimento da negritude não possibilitou que se desse a conhecer como um movimento organizado por um grupo perfeitamente identificado, e em pleno uso livre da palavra e da ação” (LARANJEIRA, 2000: 8). Apesar desta particularidade, depois de a negritude se desenvolver em França, ela propagou-se em quase toda a África, em níveis diferentes.

Em França, “a negritude ganha expressão em 1935 com a edição do jornal *L'Étudiant Noir* organizado por Léopold Sédar Senghor e Léon Damas. Mas o termo foi adotado pela primeira vez em 1939 por Aimé Césaire, no seu longo poema «Cahier d'un retour au pays natal»⁶ publicado na revista *Volontés*” (MARGARIDO, 2015: 5).

Referia-se a criação de um movimento cultural e literário exclusivo dos negros. Desde o começo, pretendia-se a construção de uma literatura dos e para os negros. E para que assim fosse, juntam-se a Césaire outros intelectuais africanos que ajudaram a fortificar o ideal da negritude.

A publicação do jornal *L'Étudiant Noir* foi um marco importante para a eclosão da tese negritudinista. Mas esta não foi a única publicação com este fim. Outras publicações periódicas foram surgindo, ajudando a impulsionar os ideais do movimento da negritude. Nesta ordem, são publicados:

- ❖ *Légitime Défense*, saída em 1932, inspirada nos preceitos marxistas, foi fundada por Étienne Léro. Contou com a colaboração de René Mênil e Jules Monnerot;
- ❖ *Présence Africaine*, lançada em Paris em 1947 por Alionne Diop. O angolano Mário Pinto de Andrade chegou a ser o secretário nos anos 50;
- ❖ *Tropiques*, esta revista nasce sob o impulso de Césaire em abril de 1941. Foi a primeira das iniciativas que possibilitou que a negritude tivesse uma envergadura internacional;
- ❖ *Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache de Langue Fran-*

⁶ Este poema aparece também na obra de Césaire publicada em 1947, cujo prefácio foi feito pelo surrealista francês André Breton.

caise, obra crucial para a ascensão do ideal da negritude, vinda a lume em 1948, organizada pelo senegalês Léopold Sédar Senghor. O prefácio desta obra, “Orphée Noire”, foi escrito pelo filósofo e escritor francês Jean-Paul Sartre.

Estavam alicerçados os propósitos do ideal da negritude. Em todo o caso, foi Jean-Paul Sartre quem primeiro e melhor teorizou a negritude no referido prefácio. A seguir, Senghor e outros africanistas prosseguiram na definição, exposição e defesa da negritude. Em abril de 1971 organizou-se em Dakar, principal cidade do Senegal, o Colóquio da Negritude. Este “começou no dia 12 de abril com a comunicação de abertura de Léopold Senghor intitulada «Problemática da Negritude»” (SANTOS, 1975: 38-39).

Leopold Senghor (*apud* SANTOS, 1975: 12) definiu a negritude como “o conjunto dos valores da civilização do mundo negro”. Assim entendida, pretendia-se com a negritude, inicialmente, elevar a cultura negra, exaltar o indivíduo negro, pois a mentalidade colonial encarava-o como inferior, tratava-o como um objeto, como um farrapo humano (MBEMBE, 2014). O objetivo era combater a coisificação do negro. Diante de humilhações e injustiças, nasce uma consciência, a negritude, que, por meio da literatura, manifestada maioritariamente em poesia, lutou contra a dominação e a superioridade do homem branco. É o que faz Césaire no poema publicado em 1939, dirigindo-se a:

Aqueles que não inventaram nem a pólvora nem a bússola
aqueles que nunca souberam domar o vapor nem a electricidade
aqueles que nunca exploraram nem os mares nem o céu
mas aqueles sem os quais a terra não seria a terra (CÉSAIRE, 1939: 71).

Apesar disso, não ficou plenamente elucidado o que é a negritude no seu plano geral. A falha vem desde a sua origem, e os teóricos franceses ao aceitarem o vocábulo como uma forma sintética de designar o humanismo negro acabavam por deixar tudo no vago, no indeterminado. No entanto, percebe-se que o ideal da negritude se baseava na elevação do homem negro e da sua cultura. Além disso, um outro propósito que a negritude fazia crescer era a construção de uma literatura focada, exclusivamente, no homem negro. A negritude teve um importante prolongamento em África. Esta ideologia foi desenvolvida desde a África francófona, anglófona, chegando por fim à Áfri-

ca lusófona, lugar onde germinaram as literaturas africanas escritas em português.

Quando é que a negritude surge no âmbito das literaturas africanas escritas em língua portuguesa? Não se consegue apontar uma data precisa. Mas, em todo o caso, deve reconhecer-se, pelo menos que **1**) a negritude chegou às literaturas africanas de língua portuguesa com atraso, comparando-se com as literaturas africanas francófonas e anglófonas, e **2**) a fase do neorrealismo nas literaturas africanas escritas em português está estritamente relacionada com a da negritude.

Por exemplo, a obra poética *Ilha de nome santo* do são-tomense Francisco José Tenreiro, publicada em 1942, exhibe já a dualidade entre negritude e o neorrealismo. De acordo com o contexto histórico da negritude no espaço africano de língua portuguesa, quando aparece o poema de Tenreiro, verifica-se que a negritude ainda não se encontrava totalmente arraigada neste lugar. Deste modo, “é com a chegada da *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache* em Portugal” que se vai verificar uma produção literária assumida com o ideal negritudinista nas literaturas africanas de língua portuguesa (LARANJEIRA, 2000: 15). Todavia, a atividade poética na África lusófona já estava bem enraizada quando os primeiros raios da negritude alcançaram o espaço destas literaturas. Por isso, “em 1953, Francisco José Tenreiro (são-tomense) e Mário Pinto de Andrade (angolano) organizaram o *Caderno da poesia negra de expressão portuguesa*” (MARGARIDO, 2015: 6-7).

Nestas literaturas, a negritude não desenvolveu os mesmos paradigmas da literatura africana francófona, pois não se observa uma elevação do negro como se verifica em Aimé Césaire. Contrariamente, apresenta-se a realidade penosa do negro. E observa-se isso particularmente nos poetas da literatura angolana, tais como Neto e Bessa Victor.

Não se esconde o facto de que também é difícil indicar uma época específica em que a negritude surge no circuito literário angolano. Neste espaço, é provável que o culto da negritude tenha eclodido nos finais dos anos 40 e princípio dos 50 do século XX, com a formação do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, “criado em 1948, com o lema: Vamos descobrir Angola! Orientado pela iniciativa do Departamento Cultural da Associação dos Naturais de Angola”, (FERREIRA, 1977: 14 e ERVEDOSA, 1979: 101). Nesta fase, já pairava o advento da negritude, porque se averiguava em al-

guns autores, tais como Neto e Bessa Victor, a ânsia de desenvolver uma literatura focalizada no homem negro.

Com a organização de novos escritores angolanos surge a revista *Mensagem*, publicada em 1951⁷. O escritor angolano que exhibe com maior altivez nos seus poemas a marca negritudinista é Agostinho Neto. Por isto é tido como o poeta maior da negritude na literatura angolana, embora existam outros que também cultivaram este ideal, como é o caso de Bessa Victor, Viriato da Cruz, António Jacinto e outros.

Nos poemas dos autores em estudo, Bessa Victor e Neto, comprova-se de forma clara o desejo que ambos têm de fazer uma literatura com critérios estéticos do neorealismo, mas centrando-se particularmente no homem negro. Com este ideal, Neto escreve o poema “Velho negro”:

Vendido
e transportado nas galeras
vergado pelos homens
linchado nas grandes cidades (NETO, 1974: 56)

Sente-se a necessidade de mostrar na nova poesia angolana a realidade do negro. Enquanto se refere a um ser negro que parece já adulto, Bessa Victor mostra minuciosamente a realidade dos meninos negros. Com isto em mira, Bessa Victor escreve o poema “O menino negro não entrou na roda”:

O menino negro não entrou na roda
das crianças brancas — as crianças brancas
que brincavam todas numa roda-viva
de canções festivas, gargalhadas francas (VICTOR, 2001: 285)

Na literatura angolana, parece que o carácter negritudinista não fugiu à sua nova característica. Deste modo, é bem provável que ela passou a ser entendida como o sentir exteriorizado do negro, a sua exclusão e inferiorização.

O poema “Velho negro” de Neto focaliza-se no homem negro, como ser universal, característica peculiar da negritude. Entretanto, não se faz referên-

⁷ A revista *Mensagem* teve o seu fim aquando da publicação do segundo número, tendo pois durado pouco tempo.

cia à origem do negro apresentado no poema. Trata-se de um negro comum, presente em qualquer parte do mundo.

A inversão das palavras, velho (adjetivo) + negro (nome), que se vê no título do poema, permite a atribuição de vários sentidos ao vocábulo “velho”. Tem-se, assim, a imagem de um negro inferiorizado, miserável, desprezado, sem valor. Entretanto, esta realidade é logo observada na primeira estrofe do poema:

Vendido
E transportado nas galeras
vergastado pelos homens
linchado nas grandes cidades
esbulhado até ao último tostão
humilhado até ao pó
sempre sempre vencido (NETO, 1974: 56)

As quatro formas verbais presentes nesta estrofe, *vergastado*, *linchado*, *esbulhado* e *humilhado*, abrem um horizonte que faculta a visão para um quadro imagético onde o destaque é o negro (in)justiçado, sem direitos para reivindicar nem se defender. Não cabia ao negro negar ou ter opções. Restava-lhe simplesmente cumprir e submeter-se ao que lhe era imposto, “é forçado a obedecer/ a Deus e aos homens/ perdeu-se” (NETO, 1974: 56). O negro era retirado da sua terra natal, perdia forçadamente a sua origem, as suas raízes. Tornava-se um indivíduo sem nação, sem essência. E este facto é bem patente na terceira estrofe do poema “perdeu a pátria/ E a noção de ser” (NETO, 1974: 56). Era este o destino do homem negro. Um ser discriminado, sem direitos. Esses efeitos estão diretamente ligados aos danos coloniais:

Ao passar de tanga
com o espírito bem escondido
no silêncio das frases côncavas
murmuram eles:
pobre negro! (NETO, 1974: 56)

Imbuído do espírito da negritude, Neto expôs de maneira vívida no poema “Velho negro” a realidade miserável do homem negro, a forma como este era tratado e considerado. Entretanto, a poesia negritudinista de Neto é pecu-

liarmente representativa⁸. Quer dizer, o poeta apresenta o sentir amargo do negro, exhibe o estado descontente e o tratamento que este recebia.

Enquanto Neto apresenta temas relacionados com a humilhação do homem negro, mergulhado na melancolia, com a sua alma vazia, Bessa Victor traz temas ligados à segregação racial e social, associando mais aos meninos.

Nos poemas “O menino negro não entrou na roda” e “A lua, não!” o negro é o centro do poema, que alude claramente à discriminação racial. Percebe-se a exclusão do negro da roda do homem branco, que é considerado não só diferente, mas superior ao indivíduo negro. No poema “O menino negro não entrou na roda”, percebe-se a rejeição do negro:

O menino negro *não entrou na roda*
das crianças brancas
as crianças brancas
que brincavam todas numa roda-viva (VICTOR, 2001: 285)

Percebe-se claramente que o negro não podia ficar na mesma roda com as crianças brancas. O convívio entre ambos era inadmissível. A mãe impede que haja contacto:

“Venha cá, pretinho, venha cá brincar”
— disse um dos meninos com seu ar feliz.
A mamã, zelosa, logo fez reparo;
o menino branco já não quis, não quis (VICTOR, 2001: 292)

A mãe referenciada no poema pode ser interpretada de duas maneiras: no sentido literal e no sentido metafórico. No primeiro caso, como progenitora, tem o direito de impor ordens precisas ao filho. De forma metafórica, é provável que a sociedade seja vista como uma mãe. Indefeso, o menino negro não se consegue impor diante da exclusão racial e social. Resta-lhe consentir e permanecer calado diante de todas as situações:

O menino negro não entrou na roda
das crianças brancas.
Desolado, absorto,

⁸ Sobre a poesia representativa, *vide* ECO, 2014.

*ficou só, parado com olhar de cego,
ficou só, calado como voz de morto* (VICTOR, 2001: 292)

Bessa Victor, diferentemente de Neto, preocupa-se em exprimir nos seus poemas a segregação racial e social. Ademais, alude às inoportunidades do negro, devido à tez da sua pele e aos efeitos das ideologias da colonização. Apresenta a sua incapacidade de ter desejos de grandes venturas. Por isso, ao negro cabia apenas ter pequenos anseios. E esta realidade apresenta-se no poema “A lua, não!”:

Menino negro, não peças a lua,
que está tão longe, no espaço,
com o seu mistério que ninguém descerra!
*pede antes a tua
quota-parte de ilusão
cá na Terra,
o teu pedaço
de pão* (VICTOR, 2001: 292)

Devido a estas realidades, seria ilusório o negro e as outras pessoas diferentes dele conviverem como irmãos. E o sujeito poético deixa isso bem evidente:

Não troques os teus sonhos certíssimos e francos
pela ilusão quimérica
*dos que se dizem teus irmãos
e não são* (VICTOR, 2001: 292)

Era inconcebível o negro sonhar com grandes feitos, pois nunca os conseguiria alcançar. O poema expõe o que se deveria fazer: “Não troques os teus sonhos certíssimos e francos/ pela ilusão quimérica”. Portanto, o sujeito poético de Bessa Victor termina o poema fazendo uma advertência ao negro menino:

É cá na Terra, meu negro menino,
que teu sonho se firma, ou se afunda, ou flutua,
conforme for o destino.
Menino negro, não queiras a Lua! (VICTOR, 2001: 292).

Este exercício hermenêutico ajuda-nos a ter uma visão temporal dos danos ideológicos da colonização. Os poetas angolanos apropriaram-se destas relações históricas, sociais, políticas, filosóficas e ideológicas para apresentar o ser negro no espaço e no tempo.

É indubitável, há sempre insuficiências quando se trabalha com textos literários, particularmente a poesia. Mas, em jeito de conclusão, percebeu-se que a negritude, numa primeira fase, serviu de panaceia para a recuperação da identidade cultural e para a emancipação do negro. Ela foi uma ideologia que visou restabelecer a humanidade do negro, combatendo a assimilação colonial que visava a dissipação da civilização e cultura deste. O ideal da negritude criou as suas raízes fora de África, mas chegou ao continente africano graças ao impulso dos estudantes africanos radicados em França, como Aimé Césaire, Leopold Sedar Senghor e outros. A ideologia da negritude espalhou-se por quase toda a África, alcançando o limiar da África lusófona. Contudo, a negritude neste território ganhou novos contornos, diferentes daqueles evocados por seus precursores africanos. Enquanto estes atribuem um exíguo prestígio ao negro, na África lusófona, particularmente, na literatura angolana, tem-se a negritude como o sentir da desventura do negro. No entanto, o poema analisado de Neto descreve o menosprezo e o penar do negro, diferentemente de Bessa Victor que retrata de forma viva a discriminação e a segregação, racial e social, que o negro enfrenta perante os outros indivíduos diferentes dele.

Portanto, pode-se inferir que a negritude, já em quase associação com a estética neorrealista, na poesia dos dois escritores angolanos serviu como meio para apresentar os efeitos históricos da ideologia social da colonização. Deste modo, os poemas “Velho negro”, “O menino negro não entrou na roda” e “A lua não” apresentam a condição pesarosa do ser negro, mostrando as várias formas de como era visto e considerado.

Bibliografia

CESAIRE, Aimé (1939). *Cahier d'un Retour au pays natal*. Paris: Présence Africaine.

- ECO, Umberto (2014). *Sobre literatura*. Lisboa: Relógio D'Água.
- ENDERS, Armelle (1994). *História da África lusófona*. Mira-Sintra: Inquérito.
- ERVEDOSA, Carlos (1979). *Roteiro da literatura angolana*. 2.^a ed. Lisboa: Edições 70.
- FERREIRA, Manuel (1977a). *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Vol. I. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.
- _____ (1977b). *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Vol. II. Lisboa: Instituto da Cultura Portuguesa.
- _____ (1997). *No reino de Caliban II*. Vol. II. 4.^a ed. Lisboa: Plátano Editora.
- GOMES, Aldónio; CAVACAS, Fernanda (1997). *Dicionário de autores de literaturas africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- LARANJEIRA, Pires (1992). *De letra em riste: identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe*. Porto: Afrontamento.
- _____ (1995). *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- _____ (2000). *Negritude africana de língua portuguesa: textos de apoio*. Coimbra: Angelus Novus.
- MARGARIDO, Alfredo (2015). *Negritude e Humanismo*. 2.^a ed. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império,
- MATUMONA, Muanamosi (2011). *Filosofia africana: na linha do tempo*. Lisboa: Esfera do Caos.
- MBEMBE, Achile (2014). *Crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona Editores.
- NETO, Agostinho (1974). *Sagrada Esperança*. 9.^a ed. Lisboa: Sá da Costa.
- NEVES, Fernando dos Santos (2002). *Ensaio histórico sobre o movimento da Negritude*. “Línguas e Culturas. Revista de Humanidades e Tecnologias”.
- SANTOS, Eduardo (1968). *Ideologias políticas africanas*. Lisboa: Centro de Estudos Político-Sociais.
- _____ (1975). *A Negritude e a luta pelas independências na África portuguesa*. Lisboa: Editorial Minerva.
- SHOW, Alpha I. (1977). “Prolegómenos”. Trad. Emanuel L. Godinho e Ana Mafalda Leite. In *Introdução à Cultura Africana*. Luanda: Instituto Nacional do Livro e do Disco.
- VICTOR, Geraldo Bessa (2001). *Obra poética*. Lisboa: IN-CM.